

WLADIMIR OLIVIER

TESE DE AMOR

OU

QUADROS DA VIDA ESTUDANTIL NO ETÉREO

PEÇA TEATRAL MEDIÚNICA
PELO GRUPO PIRLIMPIMPÃO

ÍNDICE

Personagens	
Tese de amor	
(1) Pirlimpimpão	
(2) Augusto	
(3) Tragicomédia	
(4) A saga de Nhô Tônico	
(5) Espírito feminino	
(6) Está no coração a fonte do saber: Domine as emoções e ganhe mais poder!	
(7) Quadros da vida estudantil no etéreo	

PERSONAGENS

Alunos: Simão

Augusto

Letícia

Clotilde

Aninha

Sebastiana

Bedel: Gabriel

Professor : Frederico

Médium: Wladimir

Poeta: Manuel do Val de Flores

Conferencista: Epaminondas

TESE DE AMOR

Surtindo das trevas, os espíritos evoluem para Deus muito lentamente.

Quando declaramos que estamos chegando para perto dos mortais, depois de longo período de confusão, favorecemos o raciocínio de que somos ou fomos muito maus e perigosos, incapazes de oferecer algo que não possa ser intuído, sabido ou conhecido por eles.

Mas a turma gostaria de expressar todo o respeito que os espectadores nos estimulam, porque sabemos que, verdadeiramente, vão reduzir ao mínimo as desconfianças relativamente aos mensageiros, para prestarem o máximo de atenção às comunicações.

Este primeiro informe é simples e não tem outro objetivo senão o de preparar as mentes para a recepção da peça, de modo que não vamos adiantar mais do que umas poucas linhas, solicitando que haja amor nos corações e palavras de apoio e incentivo, sempre que se depararem os amigos com pensamentos que os façam meditar, com sentimentos que lhes promovam bem-estar moral e com desenvolvimentos que lhes deem a clara noção de que necessitam investigar, pesquisar e aprender.

O nome do grupo vai ficar em suspenso, porque o Professor Frederico sempre recomenda que fiquemos em absoluto segundo plano. Mais tarde, se se decidir que o rótulo possa favorecer o intercâmbio entre nós, para imediato reconhecimento, não hesitaremos em fornecer esse dado.

Graças a Deus, o dia está bastante propício para o dealbar do trabalho, porque o médium nos oferece adequados recursos para testarmos a força da imantação, inclusive, as obrigatórias correções a determinarem o ritmo para o envio das vibrações, conforme o influxo energético que o médium é capaz de absorver.

PRIMEIRA PARTE

Dois espíritos conversam num ambiente de pouca luz. Ao fundo, num quadro, lê-se:

(1) PIRLIMPIMPÃO

Simão — Nem de graça, nem de graça...

Augusto — Mas, meu caro...

Simão — Que quer você? Quer me deixar louco? Ora, vamos...

Augusto — Mas não estou pedindo nada de mais. Você é o mais habilitado, o mais sábio, o mais prudente, o mais erudito, o mais culto, o mais intelectual, o melhor preparado...

Simão — Vamos ver quando é que você vai parar...

Augusto — Se me deixar continuar, não paro mais, porque sinto tudo o que estou dizendo-lhe, de verdade, no fundo do coração.

Simão — Você diz me compreender tão bem assim?

Augusto — Pois compreendo e sei que você é o maior...

Simão — Para fazer tal afirmação, precisa saber que as outras pessoas não têm as mesmas condições. Certo?

Augusto — Não me venha enrolar, por favor. Eu sinto que você é o bom em todas estas coisas, porque deu demonstrações de superioridade, mas não tenho capacidade de julgar os temas em si e não sei o que mais você poderá desenvolver. Contudo, com a sua honestidade, com a sua sagacidade, com o seu descortino, irá encontrar tópicos ilustrativos de todos os aspectos doutrinários de caráter mais elevado.

Simão — Você não é tão bom quanto eu?

Augusto — Garanto-lhe que todo o meu esforço se deu e vem dando-se no sentido de buscar compreender as pequeninas coisas que sou capaz de ir assimilando do muito que você vem produzindo.

Simão — E agora acha que eu é que devo me apresentar para as informações e demais desenvolvimentos ao público encarnado?!

Augusto — Que você tem a opor, se estou absolutamente convicto de seu desempenho de mais alto nível, do seu gabarito pelas *performances*, do brilho de suas imagens e figuras, da perfeição de seu léxico, da elegância das suas construções sintáticas, da sintonia que estabelece entre fundo e forma, pela mais equilibrada disposição semântica dos termos, quer pela denotação quer pela conotação com que exprime os pensamentos e sugere as reflexões?!...

Simão — Você é capaz de elaborar tão forte e precisa análise e não tem competência para a crítica de sua própria desenvoltura? Você se considera, depois de tudo o que me expôs, em precárias condições?

Augusto — Não é verdade que eu me haja de forma tão degradante. Sei quais méritos possuo e me amesquinho perante a fulgurância de seu esplendor, sem desejar atribuir-lhe um só conceito que não lhe caiba de maneira fidedigna.

Simão — Sabe que você me convenceu? Vou aceitar a incumbência, sim, mas com uma condição...

Augusto — Graças a Deus!

Simão — Você terá de contribuir para a formulação da melhor mensagem inicial, com o fito de incentivar, de motivar, de fazer-nos simpáticos, para o incremento das novas comunicações, a partir da ideia de que tudo o que se produz no âmbito de nossa *Escolinha de Evangelização* traz o carimbo da cautela, tanto que me fiz de rogado e você se posicionou como incapacitado. No entanto... Conclua, por favor!

Augusto — No entanto, temos de advertir o povo quanto a saber que o pessoal muito tem trabalhado para a composição dos temas, segundo o formato mais feliz para a apresentação.

Simão — Exatamente, era o que pretendia que dissesse, mas devemos alertar ainda para o fato de que...

Augusto — ...de que muitos ensinamentos podem estar presos a expectativas de simples alunos, conquanto os mestres se empenhem para que não divaguemos, não fantasiemos, não distorçamos, não exageremos, não apequenemos nem perturbemos a mentalidade vigente nos campos do espiritismo fruído em desatenção, porque imantados pelas narrativas em que se criam enredos onde os mistérios se apresentam para o espírito de investigação dos mortais, sempre curiosos para ver as personagens alcançarem os seus objetivos de amor, de ventura e de felicidade, sem despertarem para as necessidades dos estudos doutrinários.

Simão — Veja que foi você quem dissertou a respeito dos principais assuntos, com propriedade e clareza, de acordo com os ditames da melhor dialética, pela cartilha da retórica clássica. Parabéns!

Augusto — Conversar, conversamos, mas que significado haverá de ter o nosso diálogo para a obra a ser composta?

Simão — Vamos apenas reproduzi-lo o mais fielmente possível e teremos a primeira página. Que mais falta, criatura?

Augusto — Falta dar um título.

Simão — Que tal *Pirlimpimpão*?

Augusto — Que quer dizer?

Simão — Não quer dizer absolutamente nada em si mesmo, o que é o mesmo que expressar a nossa condição inicial de...

Augusto — Falta-lhe a palavra?

Simão — Pois vou ficar devendo.

Augusto — Eu acho que o espectador vai pensar que se trata do nome de palhaço muito engraçado, colorido e grande, por causa da terminação de aumentativo.

Simão — Pois as conclusões devem ficar por conta dele mesmo. Que mais falta?

Augusto — Dizer que eu me chamo...

Simão — Vai dizer o seu nome verdadeiro? Não é melhor fornecer um pseudônimo?
Augusto — Não lhe digo que você é que deveria fazer tudo sozinho, sempre com essas intuições de grande valia para a segurança do médium, dos editores e de nossos familiares?!...
Simão — Então, você concorda com nomes fictícios?
Augusto — Perfeitamente, se eles mesmos não induzirem que os autores sejam estes ou aqueles, por indícios que perpassam subliminarmente, sem que tenhamos faro para cheirá-los.
Simão — Nesse caso, deixemos anotado que estamos alertando para os problemas, o que vai ser o que mais iremos fazer ao longo da peça.
Augusto — Pois vou atribuir-lhe o nome de Simão.
Simão — E eu vou chamá-lo de Augusto.

Entra um espírito vestido de bedel e aplica sobre a palavra *Pirlimpimpão um impresso com a palavra*:

(2) AUGUSTO

Em seguida, sai, silenciosamente.

Simão — Você reparou nesse sujeito que entrou e saiu, sorrateiro?
Augusto — O que havia para reparar?
Simão — Parece uma alma penada. Mas a mim não me assusta, pode crer.
Augusto — Quem está assustado sou eu.
Simão — Como assim?
Augusto — Você estava tão preocupado em *reparar* no fantasma, que nem percebeu o que ele fez.
Simão — Claro que percebi. Ele pôs o seu nome na lousa.
Augusto — Por quê? Será que serei o alvo de alguma recriminação?
Simão — Você está com medo porque fez alguma coisa que não devia?
Augusto — Desejei que você escrevesse a peça e *forcei a barra*...
Simão — Mas eu não tenho nada pra recriminar, a menos que...
Augusto — ...a menos que...
Simão — ...a menos que você me *lavou* de elogios.
Augusto — Dizer a verdade não é crime.
Simão — A verdade reside em seus sentimentos. Mas os qualificativos com que me agraciou são reais?
Augusto — Se estão no meu coração...
Simão — Acredito que você esteja quase certo quanto aos atributos que me destinou, mas não precisava ser tão enfático!
Augusto — Agora, estou achando que fiz mal em ter *badalado* tanto as suas virtudes.
Simão — Você viu? Foi só eu demonstrar que estava inchado de orgulho e logo você percebeu onde foi que errou.

Augusto — Eu não errei, visto que você está perfeitamente consciente de seus dons de excelsitude moral.

Simão — Mas você não quer aprender a lição, mesmo. Acho que vou chamar o nosso mestre...

Entra uma figura mais imponente, aparentando cinquenta e poucos anos, vestido de professor.

Frederico — Aqui estou!

Simão — Prezado mestre, nós desejamos...

Frederico — E eu não sei? Quem vocês pensam que mandou o *pequeno espectro* colocar o cartaz em evidência?

Augusto — *Pequeno espectro*, professor?

Frederico — *Fantasminha, alma penada*, como vocês chamaram o nosso devotado Gabriel.

Augusto — Mas essas expressões não tinham a mesma conotação pejorativa da sua, com perdão do atrevimento.

Frederico — E você, Simão, está de acordo com as observações de seu ínclito colega?

Simão — Retirando o *ínclito*, que conheço como *egrégio, celebrado, ilustre, insigne*, acho que *pequeno espectro* veio para nos ensinar que as palavras têm poderes, como estava eu a sugerir ao meu fraterno colega.

Frederico — Por que você retirou o *ínclito*? Acha que lhe dei sentido pejorativo, irônico, talvez?

Simão — Se não deu, vai ter de me explicar qual o sentido oculto desse adjetivo absolutamente desusado.

Augusto — Mas você sabia o seu significado!

Simão — E quem mais dentre tantos espíritos que estão ao nosso derredor, assistindo às nossas discussões acadêmicas?

Frederico — Com perdão do meu direito de autoridade, estas discussões não podem ser chamadas de *acadêmicas*, absolutamente.

Simão — Por que não?

Frederico — Você é quem deveria esclarecer.

Augusto — Eu posso tentar?

Frederico — Por favor.

Augusto — Gabriel, você está por aí? Pode vir...

Gabriel — Cá estou, desta vez menos silencioso e menos fantasmagórico.

Simão — Ouvindo por detrás das portas?

Gabriel — Não! Percebendo as vibrações que são enviadas quando as pessoas falam dos que passaram para o lado de cá. Disponível, apareço, como se meu único papel nesta *Escolinha de Evangelização* fosse o de trabalhar nesta farsa tragicômica.

Augusto — Pois eu chamei você pra lhe pedir...

Gabriel — Um momentinho. Desculpe. É que me lembrei que o Pirlimpimpão mandou avisar que está se preparando para se apresentar aos seus inventores.

Simão — Que novidade é essa?

Gabriel — Responda o Professor Frederico, que parece estar por detrás de tudo neste educandário das esferas umbráticas...

Frederico — Gabriel, você está realizando uma brincadeira, certo?

Gabriel — Perfeitamente.

Frederico — Então suas palavras não representam nenhum pensamento de repúdio à minha atuação?...

Gabriel — Desculpe-me, caríssimo Professor!

Augusto — Não se desculpe, porque você não disse nada ofensivo. Era a expressão mais pura de seus sentimentos, porque disse o que disse com a intenção de demonstrar admiração e apoio, uma vez que deve acreditar que a administração escolar a cargo do bom amigo Frederico nos agasalha a todos em seu mais puro amor e consideração.

Simão — Mas você gosta mesmo das palavras de encômio.

Augusto — E você fica pondo para fora do intelecto todas as palavras do idioma. Por sorte eu sei o que quer dizer *encômio*: *louvor, elogio, gabo*. E se algum espectador não sabia, já está sabendo.

Simão — Embora esteja preocupado com o Pirlimpimpão, gostaria que você me dissesse por que chamou o nosso estafeta e factótum, o diligente Gabriel. Não era para explicar o que pedi a Frederico?

Augusto — O que foi mesmo que você perguntou ao mestre?

Simão — *Ipsis litteris*, ou seja, literalmente: *Por que não?*

Gabriel — O que é que não pode?

Simão — É justo repetir a questão para as pessoas que não estavam presentes, conquanto tenham o hábito de ficar ouvindo as conversas alheias...

Gabriel — Essa parte não me dizia respeito, logo, eu a perdi, completamente.

Augusto — Eu me propus a esclarecer por que os nossos diálogos (*conversas*, como chamou o amigo aí) não podem ser chamadas de *acadêmicos*, conforme observou o professor.

Gabriel — Pois eu acho que não podem ser assim chamados, porque não estamos numa academia. Isto aqui é uma escola.

Simão — Vejo que preciso explicar o que significa o adjetivo *acadêmico*: na acepção, isto é, no sentido que empreguei de *bizantino*, simplesmente, quer dizer *atitude ou ponto de vista que denota bizantinismo*, ou seja, *interesse por discussões frívolas ou insignificantes, sem resultado prático*. Então, eu quero saber qual há de ser o resultado prático...

Augusto — Você leu o meu nome no quadro? Pois eu desejo fazer jus ao encerramento da cena, definitivamente, indubitavelmente, indiscutivelmente, afirmando que estas palestras têm o mérito de obrigar-nos a reflexionar a respeito da força expressiva de cada vocábulo, para não empregarmos à toa o nosso tempo de aprendizado, através dos estudos programados pelos mentores.

Simão — E precisávamos ficar ao redor de nós mesmos, sem evoluir um pontinho sequer no enredo de nossas existências?

Frederico — Não se esforce, queridíssimo pupilo, discípulo, educando, aluno, para comprovar que não merece a louvação que recebeu no quadro anterior. Nós

formaremos melhor ideia, concepção, conceito de sua personalidade, de sua maneira de ser, até o final deste drama. Enquanto isso, vamos ouvir o que nos tem para dizer o nosso Pirlimpimpão.

Augusto — E eu que pensei que iria dar a palavra final!...

Entra um sujeitinho miúdo, vestido de palhaço, que vai até o quadro e coloca, sobre o nome Augusto, a expressão:

(3) TRAGICOMÉDIA

Letícia — Eis-me aqui, todo lampeiro,
Palhaço Pirlimpimpão.
Sua atenção eu requeiro:
Ninguém vai dizer-me — *Não!*

Simão — Eis a grande novidade:
Este palhaço é poeta.
Grande emoção já me invade...
Quem o verso me completa?...

Gabriel — Eu também faço quadrinhas,
Sei rimar e sei sorrir.
Posso dizer que são minhas;
Não são lá do Wladimir.

Augusto — Quem é o gajo citado,
Num momento inoportuno?

Letícia — É o cara do outro lado
É médium — não é aluno.

Ilumina-se um canto do cenário e aparece um humano diante da tela de computador. Dá as costas para a plateia e se expressa apenas por gestos.

Frederico — Vocês acharam conveniente apresentar o intermediário para o seu ditado no
comecinho da peça?

Gabriel — Eu estou atrapalhando?
Pensei que já fosse a hora...

Frederico — Espere por meu comando:
Que se apague a luz agora.

Desaparece o humano.

Letícia — Vou, então, continuar
E vou dizer por que vim.

Simão — Comportamento exemplar.
Vamos ver qual é o fim.

Frederico — É verdade. Se Pirlimpimpão insistir em versejar, talvez fraqueje uma que outra vez e deixe a gente a ver navios.

Letícia — Serei um bom repentista:
Não desconfie de mim.
Caso a quadra hoje resista,
Apago o que for ruim...

Augusto — Pois eu posso sugerir,
Caso a quadra, no porvir,
Lhe cause um grave problema:
Ponha as rimas nas sextilhas
Que são as melhores pilhas...

Simão — Mas é mais fácil que gema...

Frederico — Bem que eu gostaria de colaborar com a peça todinha em versos. Mas não vou gastar meu fosfato à toa, porque sei que o povo a que se destinam as mensagens não aprecia a forma poética. Espero que entendam que apenas estou favorecendo o grupo, através de lúdica provocação. Por outro lado, a brejeirice do palhaço, que arrastou atrás de si os colegas... (Contradição: porque eles não queriam ficar atrás...)

Frederico fica na expectativa do riso dos alunos, o que não acontece. Faz momices, pretendendo que riam. Nada consegue.

Letícia — Meu querido professor,
O seu papel é o mais sério.
O riso que quer compor
Está cheio de mistério.

Simão — Vamos prestar atenção,
Que o mestre jamais se aperta.
Cale a boca, Pirpilão,
Que a lição é sempre certa.

Letícia — Concedo que faça a rima
Com o meu nome trocado,
Porque sei que existe estima:
Sendo assim, eu não me enfado...

Augusto — Cuidado co'a indisciplina,
Vamos ouvir o mentor,
P'ra esclarecer a doutrina
E p'ro tema recompor.

Frederico — Quero ouvir o Gabriel,
Já que não falou ainda.
Na sopa, vai pôr mais mel,
Pois acha a poesia linda?

Gabriel — Vou tentar, querido mestre,
Sabendo ser perigoso,

Dar ao público terrestre
 Motivos p'ra forte gozo.

Letícia — Eis um fantasma dos meus,
 Com nome bem sugestivo,
 Tanto assim, graças a Deus!,
 Que a amizade lhe cultivo.

Gabriel — Mas eu quero agradecer,
 Modestamente bedel,
 Ao palhaço o bem-querer,
 Por vir rimar Gabriel.

Frederico — Todos tiveram sua vez mas ninguém ousou perguntar o que faz a expressão
tragicomédia em destaque.

Simão — Eu pensei ter entendido o seu significado.
 Todos os outros — Qual é o significado?

Simão — Não vou ser precipitado:
 Vou rimar com perfeição.
 Agora ao público agrado:
 Que fale o Pirlimpimpão!

Letícia — Fui eu mesma que escrevi
 A palavra lá detrás.
 É que quando estava ali,
 Alguém quis quebrar a paz...

Gabriel — Certamente, vão dizer que fui eu, porque me referi a esta *farsa tragicômica*.

Frederico — Por enquanto, se não consultarmos os espíritos invisíveis que estão assistindo
 ao nosso desempenho, vamos ficar sem saber o resultado do trabalho, pois
 tudo o que fazemos e transmitimos — por favor, acendam a luz do médium —
 tudo o que fazemos e transmitimos vem carregado dos temores do insucesso
 e nada mais trágico do que uma comédia mal sucedida. Sinto ainda na pele o
 arrepio de ficar feito palhaço (perdão, Pirlimpimpão), no aguardo do sorriso
 do grupo.

Gabriel — Obrigado, Frederico.
 Salvou-me você do aperto.
 Mas sossegado não fico:
 Tem alguém em desconcerto...

Augusto — Eu acho que descobri
 Ao que Gabriel se refere...

Simão — Vou ficando por aqui,
 P'ra não cantar *miserere*...

Letícia — Sou eu que venho escondida,
 Mas eu juro, sem malícia...

Gabriel — Eu sei que ninguém duvida:
 Pirlimpimpão é Letícia!

Simão — Que susto você me deu:
 Pensei que fosse comigo.

Augusto — E eu julguei que fosse meu
O momento do castigo.

Frederico — Existe uma cantiga medieval, lá dos lados da Península Ibérica, em cujo enredo uma donzela se faz passar por varão e comete a mesma indiscrição, utilizando-se do feminino, quando se fere no espinho da haste de uma rosa. Quando Letícia disse *fui eu mesma*, estava desmascarada. Simples como deve ser simples a verdade. A luz do Wladimir, por obséquio, que se apague!

Ao mesmo tempo em que a luz se apaga, adentra um espírito de grande estatura, um palmo maior que o maior dos presentes, portando um saco cheio de lampiões, que se dirige ao quadro e superpõe à expressão lá contida a frase:

(4) A SAGA DE NHÔ TONICO

Manuel — Ouvi falar em apagar a luz?

Letícia — Caro amigo Manuel,
Queira falar pela rima.
Caso não seja fiel,
Corrigiremos em cima.

Manuel — Sou amigo desses versos,
Como sabem bem vocês.
Se, às vezes, saem perversos,
Vou atrás dos meus porquês.

Frederico — Devo dizer que fui eu quem determinou que se apagasse a luz sobre o nosso médium Wladimir.

Manuel — Já lhe passei certas trovas,
Em situação melindrosa:
Eram mais que simples provas,
Mas deu-me conta da glosa.

Gabriel — Quando foi que aconteceu
A transmissão tão sem jeito?

Manuel — Foi um coágulo seu
Que o jogou em rude leito.

Simão — Eu soube dessa embolia
Que o levou à U.T.I.

Letícia — Lugar próprio p'ra poesia,
Beleza igual nunca vi...

Augusto — Eu sei dar a explicação
Do trabalho em tal estado:
Para ver o médium são,
Manuel fez-lhe o ditado.

Frederico — Sempre é justo que os espíritos cuidem de seus servidores, mui particularmente se se dedicam com muito afinco.

Ouve-se uma voz a partir do ponto em que está o médium:

Voz — Depois disso, infelizmente,
Estando a andar na calçada,
Junto à esposa, de repente,
Foi a dupla atropelada...

Gabriel — Eu acho de bom alvitre
Que aquela luz já se acenda.

Manuel — Sinto gosto de salitre
No som dessa reprimenda.

Acende-se a luz mas o médium permanece de costas, como a escrever no computador.

Frederico — Cabe a mim dar a resposta,
E vou fazê-lo na rima:
O médium não se desgosta,
Pois nos mantém sua estima.

Faz-se silêncio durante largo tempo, enquanto todos se voltam a observar a reação do médium. Como não se manifeste, voltam a conversar.

Manuel — É importante que haja luz,
Dado o valor desta rima:
Vamos ver a que conduz,
Nas quadras que a turma anima.

Augusto — É bom que seja o primeiro,
Pois vou acender a luz:
Pensem num nome faceiro,
Eu logo direi — Jesus!

Letícia — Vou fazer graça palhaça,
Pirlimpimpão é de truz:
Augusto fez a trapaça,
Apagando a minha luz.

Simão — Vou reservar-me o direito
De ofuscar a sua luz.
Ser menor eu não aceito:
É bem maior minha cruz.

Gabriel — Eu acho ser suficiente
A quadrinha que compus,
Para dizer a tal gente
Que cuide da própria luz.

Frederico — Vejo que o amigo trouxe um saco cheio de lampiões. É por isso que provocou a nossa verve? Acho que não mais vão servir para nos iluminar.

Manuel — Permitam-me volver à prosa.

Letícia — Vou cobrar isso depois,
E vai ser de ambos os dois...

Manuel — Quando eu mostrar para que servem os lampiões ou candeias, vocês vão perdoar-me. Tem a ver com a poesia do Nhô Tônico que passei lá no hospital. Vocês já ouviram falar dela?

Manifestação geral de desconhecimento.

Manuel — Então eu vou recitar. São quadrinhas simples e muito fáceis, tanto que vou pedir que vocês representem as cenas, cada qual num papel.

Frederico — Apenas pra confirmar: tem interesse para o público que presenciar a peça?

Manuel — Demonstra que as pessoas podem melhorar espiritualmente, através da prática da doutrina espírita.

Frederico — Posso fazer uma sugestão, para tornar o texto mais fácil de compreender?

Manuel — Toda contribuição é importante, no sentido de favorecer os encarnados. Mas é preciso tomar cuidado para não ofender os mais inteligentes, os mais sábios, os mais estudiosos, os mais compenetrados quanto ao seu poder de análise e de crítica.

Frederico — Vamos tentar. Se não ficar bom, segundo a opinião dos espíritos que, invisíveis, estão assistindo-nos, a gente retira o que estiver a mais.

Manuel — Afinal, de que se trata?

Frederico — Vou pedir a Simão que coloque em prosa o texto metrificado, repetindo as informações nele contidas.

Simão — Será que entendi? Devo realizar paráfrase, simplificando os dizeres, logo eu que fui elogiado pelo meu cuidado com as palavras?

Frederico — Por isso mesmo. Quem tem o dom deve utilizá-lo em favor dos semelhantes. Não foi esse o ensino de Jesus?

Simão — E o que vai ficar para os encarnados? Só a digestão, já que quem vai mastigar sou eu!...

Frederico — Você acha pouco que as pessoas apliquem à sua própria vida os ensinamentos doutrinários que se passam através dos médiuns?

Simão — Prometo fazer o melhor que posso.

Frederico — Agora, você tomou a atitude correta. Faça as suas ações corresponderem às palavras. Manuel, vamos ver se vale a pena!

Manuel — Como dizia Pessoa,
Numa rima muito boa:
Tudo...

Todos — *Tudo vale a pena,
Se a alma não é pequena*¹.

¹ “Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.”
In: Mar português, da obra Mensagem.

Assim que terminam os risos, Manuel começa, Simão reproduz e o grupo representa.

Manuel — Nhô Tônico das Cadeias

Era um colega brigão:
As coisas ficavam feias?
Tirava satisfação.

Simão — Era uma vez, um cara briguento, chamado Antônio, que, de tanto ir preso, passou a ser conhecido por *Nhô Tônico das Cadeias*.

Manuel — Foi dura a querela, um dia:

Encontrou um valentão.
Zé da Dinga era uma *fria*:
Pôs diversos no caixão.

Simão — Um dia, Nhô Tônico teve um atrito feio com um sujeito perigoso, o José, chamado de *Zé da Dinga*.

Manuel — Mas Tônico ia de pinga,
Na cabeça e na algibeira.
Topando com Zé da Dinga,
Foi um diz:

Augusto — *Queira!*

Gabriel — *Não queira!*

Simão — Sempre bêbado, Tônico andava com uma garrafa no bolso. Ao se encontrar com o Zé, começaram uma discussão sem pé nem cabeça.

Manuel — A mãe de Zé da Dinga
Era mulher lá da feira:
Andava cheia de ginga;
Tinha no coldre a peixeira.

Simão — A mãe do Zé, que vendia peixe na feira, parecia um capoeirista, sempre levando a faca na cintura.

Manuel — Tônico é que não sabia
Calar a língua matreira:
Botou *bronca* na Maria,
Numa falação certa.

Simão — Tônico, que falava até pelos cotovelos, destratou a mãe do Zé, de nome Maria, dizendo coisas muito ruins sobre ela.

Manuel — Recebeu uma nas ventas,
E pavilhão auditivo:

Augusto — *Se mais coisas tu inventas,
Não sairás daqui vivo!*

Simão — Por isso, levou um soco no nariz e um tapa na orelha; e ouviu o Zé ameaçar de coisa pior se continuasse difamando a sua mãe.

Manuel — Murchou o pobre coitado;
Espatifou a garrafa.
Não ficou alcoolizado:

Gabriel — *Jesus, veja se me safá!...*

Simão — Tônico ficou muito preocupado, quebrou a garrafa de pinga e, já sóbrio, pediu ajuda a Jesus para ficar livre do Zé.

Manuel — Rogou e foi atendido,
 Pois prometeu, lá no fundo,
 Ficar melhor entendido
 Da natureza do Mundo.

Simão — Jesus ouviu a prece do moço, o qual jurou que ia melhorar o procedimento, aprendendo a viver pelas regras morais.

Manuel — Fingiu de morto, estirado;
 Levou uns chutes nas costas:
 Estava o Zé muito irado:

Augusto — *Vê se desta tu mais gostas!...*

Simão — Sofreu uns pontapés do Zé mas não reagiu, parecendo desacordado, mas escutando as provocações do desafeto.

Manuel — Depois de muito apanhar,
 Baixou Tônico hospital.
 Foi sarando, devagar:
 Achou a causa do mal.

Simão — A surra foi tão grande que Tônico acabou internado num hospital, onde se recuperou, lentamente, tempo em que meditou sobre a origem de seu fracasso.

Manuel — Queria ser superior
 E mandar em toda a gente.
 Esqueceu que existe amor
 E que todo o mundo sente.

Simão — Chegou à conclusão de que se julgava melhor do que os outros, a quem pretendia dar as suas ordens. Percebeu também que não amava ninguém e que todo mundo tem sentimentos.

Manuel — Um dia, chegou visita:
 Um homenzinho engraçado.
 Falava mal da *birita*;
 Deixou Tônico alarmado.

Simão — Estando internado, apareceu um sujeito divertido, falando mal da bebida, tanto que Tônico se assustou de verdade.

Gabriel — *Mas que religião é essa
 Para pôr no vício um breque?*

Frederico — *É doutrina boa à beça:
 Teoria de Allan Kardec!*

Simão — Tônico quis saber qual era a religião que mandava acabar com os vícios. Era a excelente doutrina espírita organizada por Allan Kardec, conforme Ihe esclareceu o visitante.

Frederico — *Quando você melhorar,
 Me procura lá no Centro.
 Os livros que Ihe vou dar*

Vão deixá-lo bem, por dentro.

Simão — Recebeu Tónico um convite para ir ao Centro Espírita, assim que ficasse bom. Ia receber uns livros para seu esclarecimento.

Manuel — Todo mal tem sempre um fim:

Tónico recebeu alta.
Já não era tão ruim,
Mas do Pai sentia falta.

Simão — Quando se restabeleceu, Tónico voltou para casa. Como tinha melhorado também da cabeça, precisava de um fundamento religioso.

Manuel — Procurou o *cara* estranho,
P'ra pedir orientação.
Levou um susto tamanho:
Tinha livro de montão.

Simão — Foi atrás, então, daquele desconhecido, para se informar. Lá chegando, teve a surpresa de ver uma prateleira cheia de livros.

Gabriel — *Vou ter de ler tudo isso?*
Eu mal soletro as palavras...

Frederico — *Só assumo o compromisso:*
A turma interpreta as lavras.

Simão — Perguntou se precisava ler tudo aquilo, ele, que era quase analfabeto. O outro lhe pediu apenas para ter boa vontade, porque o pessoal do Centro explicaria os textos.

Manuel — Duas vezes por semana,
O Tónico ao Centro ia.
Foi ganhando aquela gana
E foi sentindo alegria.

Simão — Passou Tónico a frequentar o Centro duas vezes por semana. Ali foi criando muita força espiritual, tanto que lhe voltou o sentimento da vida.

Manuel — Certa vez, participou
Duma sortida noturna.
Por alguém, então, chorou:
Um pobrezinho na fuma.

Simão — Tendo saído de noite para ajudar os desprotegidos, numa gruta encontrou um homem tão mal que por ele derramou lágrimas de emoção.

Manuel — Era o Zé da Dinga mesmo,
Fraquinho de causar dó:
A palavrear a esmo,
Conversava, estando só.

Simão — O sofredor era o mesmo Zé, agora acabado, falando sozinho, provocando muita piedade.

Manuel — A gratidão de Tónico
Superou aquela sova:
Parecia um homem rico;
O outro, co' o pé na cova.

Simão — Tónico estava tão reconhecido pela nova vida que esqueceu a surra: estava feliz.
O Zé é quem dava preocupação.

Manuel — Levou o Zé p'ra tratar
Naquele mesmo hospital:
Seria santo o lugar,
Bem protegido do mal.

Simão — Tónico carregou com ele para ser cuidado no hospital, achando que as doenças
seriam eliminadas pela Medicina.

Manuel — Rogou por Nosso Senhor,
Que perdoasse o vilão.
Prometeu-lhe muito amor:
Passou a chamar:

Gabriel — *Meu irmão!*

Simão — Em suas orações, pediu que Jesus perdoasse o malvado, a quem ofereceu sua
afeição e respeito.

Manuel — Dona Maria da feira
Conseguiu um filho mais.
Já não usava a peixeira
Nem as coisas eram tais.

Simão — Era natural que Tónico, achando-se irmão do Zé, podia chamar a feirante de mãe.
Aliás, os tempos tinham passado, e a mulher estava mudada.

Manuel — O Zé da Dinga morreu:
Estava muito doente,
Porém, no caminho seu,
Viu outra espécie de gente.

Simão — Não tinha jeito mesmo e o Zé morreu, mas antes teve ocasião de conhecer
pessoas bem diferentes daquelas com quem tinha convivido.

Manuel — Os benfeitores da turma
Lhe destinaram lugar,
Deixando que o pobre durma,
Num bom leito hospitalar.

Simão — Ao ser recebido no etéreo pelos protetores da gente do Centro, ganhou outro
internamento, agora para ser tratado dos males espirituais.

Manuel — Os inimigos, lá fora,
Prometeram mais vingança,
Mas Tónico, esperto agora,
'Tava cheio de esperança.

Simão — Do lado de fora da cidade do Além, fervilhavam os inimigos, que eram contidos
pelas orações do diligente e esperançoso Tónico.

Manuel — Trabalhava sem cansaço,
Tendo chegado à tal feira.
Seria o próximo passo:
Salvar a tal da peixeira.

Simão — Tónico, que se tornara um auxiliar incansável, foi até a feira com o intuito de levar ajuda espiritual à mulher que ele havia ofendido um dia.

Manuel — Falou-lhe da instituição,
Da prestação de serviço.
Poderia dizer *não*,
Mas ganharia mais viço.

Simão — Puxou o assunto do que se fazia no Centro, das atividades de benemerência, mas deixou que ela se decidisse, explicando que ia ser muito bom se aceitasse o convite para participar.

Manuel — Falou das Leis, da Verdade,
E mostrou que a Salvação
Advém da Caridade
De quem tem bom coração.

Simão — Explicou alguns pontos da doutrina, da busca do conhecimento e da evolução, insistindo que o seu lema era: fora da caridade não há salvação.

Manuel — A mulher era experiente,
Sabia de tudo isso,
Então, mui espertamente,
Aceitou o compromisso.

Simão — Maria era uma mulher vivida e tinha a sabedoria extraída dos sofrimentos. Essa foi a razão de seguir os conselhos de Tónico.

Manuel — Mas não sabia do filho,
Que morrera arrependido.
Repetia este estribilho:

Letícia — *O Zé da Dinga: um bandido!*

Simão — Ignorava Maria o fato de que o filho se arrependera dos crimes antes de desencarnar; e ainda guardava a pior lembrança do Zé.

Manuel — O ódio, então, ficou claro,
Para a mente do Tónico.
Pedi ao Pai, mui preclaro,
Um expediente rico.

Simão — Tónico percebeu o rancor de Maria e, tendo uma feliz ideia, pediu a ajuda de Deus para que tudo desse certo.

Manuel — Levou Maria à sessão,
Tendo invocado o seu Zé.
Jesus lhe deu permissão,
Para demonstrar quem é.

Simão — Numa reunião mediúnica, estando Maria presente, Tónico evocou o Espírito do Zé e, tendo recebido autorização de Jesus, puderam conversar.

Manuel — Desconfiava Maria
De que tudo fosse falso,
Mas o Zé só respondia,
A firmar bem cada calço.

Simão — Maria não punha muita fé na sessão, mas o filho respondeu sempre com muita coerência, demonstrando que era realmente o Zé.

Manuel — Precisou de mais uns dias,
Para formar opinião,
Mas cedeu às teorias,
Vendo que tinham razão.

Simão — Maria não aceitou logo o fenômeno mediúnico, mas foi obrigada a se render às evidências, quando estudou mais a fundo.

Manuel — Hoje também tem renome
E ajuda nas coisas feias:
É ela quem mata a fome;
Nhô Tônico é o das Candeias!

Simão — Tanto Maria desenvolveu que passou a ser muito respeitada: participa agora da assistência aos que sofrem e dá de comer aos necessitados, enquanto Tônico já é conhecido como *Nhô Tônico das Candeias*, ou seja, aquele que leva a luz aos que se encontram na escuridão.

Cada uma das personagens (menos o médium) acende uma candeia e todos se aproximam da plateia. Recebendo aplausos, agradecem. Voltam-se, em seguida, para as posições em que encerraram a cena e apagam os lampiões. Momentos depois, entram três novas personagens. Uma delas coloca, sobre a expressão A saga de Nhô Tônico, a frase:

(5) ESPÍRITO FEMININO

Frederico — Ora vivam nossas preclaras alunas! Sejam bem-vindas!

Letícia — Acredito que acabou
A alegria destas rimas:
São elas que dão o *show*,
Determinando estes climas...

Clotilde — Eis aí Letícia, vestida de palhaço. Você está uma gracinha, querida!

Manuel — Gostaria de ser apresentado às recém-chegadas.

Simão — Nossas coleguinhas de classe: Clotilde, Aninha e Sebastiana. Este é o nosso amigo e poeta, Manuel.

Manuel — Muito prazer! Manuel do Val de Flores, ao seu dispor.

Letícia — Diante dessas donzelas
O coração desfalece.
Não há poder-se com elas:
São os fogos da quermesse...

Aninha — Viemos ver o que estava acontecendo na sala, que é um tal de acende e apaga a luz. Isso é próprio do espírito masculino.

Manuel — Mas Letícia...

Sebastiana — Letícia, não: Pirlimpimpão. Além de adotar o aspecto de homem, veste-se de palhaço, a comprovar o que as mulheres querem ser na vida.

Gabriel — Vocês vão perdoar-me, mas o meu serviço me chama. Até mais ver!

Sai, olhando de soslaio para as três, fazendo trejeitos como a censurá-las. Wladimir mexe-se na cadeira e faz gestos de desagrado.

Frederico — Espero que vocês estejam com vontade de cooperar com a turma, auxiliando na feitura da peça.

Clotilde — Não viemos por outro motivo.

Aninha — Queremos que o público saiba o nosso ponto de vista sobre o espírito feminino.

Sebastiana — Se deixarmos apenas nas mãos de vocês, rapazes, vão fazer uma farsa leve, poética, de fácil assimilação por encarnados despreocupados com os estudos...

Letícia — Eu não vou perder a linha,
Dando as respostas em prosa.
Mas quem veio co'a quadrinha
Fui eu mesma...

Clotilde — ... *grande coisa!*

Augusto — Estou estranhando a atitude de vocês. Só porque Letícia veio colaborar conosco, não quer dizer que tenham de recriminá-la com tal azedume.

Aninha — *Azedume?! Vejo que Simão está contaminando o seu cérebro. Por que não disse irritação, simplesmente?*

Simão — Poderia ter dito também *exasperação, agastamento, irritabilidade, excitação, exaltação, acrimônia, acidez, aspereza, desabrimento, acidez*, o que não afetaria em nada o sentimento mórbido que estão expressando em relação à colega.

Neste meio tempo, Frederico se afasta e fica ao fundo do cenário.

Sebastiana — Foi ela quem nos provocou, aceitando ficar junto ao clube dos meninos. Deveria deixar a palhaçada para quem se realiza em provocar o riso fácil das criaturas, sem a consequente responsabilidade.

Augusto — Desse jeito, vocês vão transformar a nossa representação em palco de ódio e malquerença.

Clotilde — Bem faz o mestre, que fica só olhando de longe.

Aninha — Se vocês tivessem começado conosco, saberiam quais os temas que têm prioridade para os espíritos das mulheres.

Sebastiana — E não ficariam contando historinhas de bêbados e criminosos.

Simão — Manuel narrou em versos (aliás muito simpáticos — não precisa agradecer), a saga de uma pessoa má que se tornou um espírito de luz.

Augusto — E pediu à plateia que refletisse sobre a caridade, a benquerença, o amor, a compaixão, o conhecimento doutrinário e outras virtudes de que se encheram os corações do Tônico e da Maria.

Clotilde — Mas o Tônico foi o herói e a Maria, apenas uma figurante, que terminou cozinhando, como qualquer mulherzinha às antigas.

Manuel — E eu que me atrevi a cortejar o grupo...

Aninha — Pois bem, vamos dizer desde logo que a nossa participação é para o despertar da alma feminina para os valores da liberdade, da igualdade e da fraternidade, conforme a divisa da Revolução Francesa.

Simão — Mas vocês pararam no tempo!

Augusto — Hoje em dia, as mulheres já obtiveram valiosíssimas vitórias.

Manuel, disfarçadamente, vai aproximando-se de Frederico.

Clotilde — Em que parte do mundo?

Aninha — Não no Brasil.

Sebastiana — As novas gerações vão nascer com outra mentalidade.

Simão — Por falar nisso, vocês sempre nasceram como mulheres?

Augusto — Boa pergunta, companheiro! Como eu me lembro de ter ido ao mundo diversas vezes como homem e outras tantas como mulher, vou aderir ao grupo das colegas e vestir a roupagem perispirítica feminina.

Simão tenta impedir que o outro se transforme, mas, em pouco tempo, está parecendo uma mulher.

Clotilde — Qual é o seu nome, querida?

Augusto — Rosa.

Aninha — Quando foi a sua última encarnação feminina?

Augusto — No século doze.

Sebastiana — De lá para cá, quantas vezes encarnou como homem?

Augusto — Cinco.

Clotilde — Pois, então, trata de tirar a fantasia e volte à forma masculina.

Augusto é ajudado por Simão e logo se desfaz dos apetrechos de mulher.

Simão — Quase que eu fico sozinho.

Clotilde — E você, Simão, quando foi mulher pela última vez?

Simão — Na primeira década do século vinte.

Aninha — E depois?

Simão — Depois, nada. Foi a última encarnação.

Sebastiana — E que o levou a alterar a indumentária?

Simão — Estive preso às lembranças desagradáveis dos preconceitos contra as mulheres, uma vez que, em época anterior, fui um romântico, declarando-me apaixonado pelo gênero feminino.

Clotilde — Estão está explicado.

Simão — Eu sei que lhes dei armas para me censurarem. Mas disse a verdade. Vocês é que não me responderam a respeito de suas vidas como homens.

Aninha — Respondo também pelas companheiras: na derradeira romagem carnal, fomos homens.

Augusto — Estou entendendo. Vocês vão ser forçadas a voltar como mulheres e já estão preparando o futuro, para poderem continuar agindo no comando da sociedade...

Letícia — Eu não sei se esclarecemos
O nosso ponto de vista:
O mal está nos extremos,
E nas guerras de conquista.

Sebastiana — Se não têm sexo as almas,
Esta briga não se entende.
Quando as coisas estão calmas,
Podemos dar de duende.

Simão — Quer dizer que foi mentira
A querela de vocês?
Quase a gente se retira,
Não compreendendo os porquês.

Aninha — Pedimos desculpa ao povo
Se acreditou na perlenga.
É preciso rir de novo,
Que é longa esta lengalenga.

Augusto — Eu até que acreditei,
Pois de Augusto me fiz Rosa.
Mas é bem melhor que a grei
Faça versos e não prosa.

Clotilde — Vamos dar as nossas mãos!
Venha p'ra cá Frederico!
Somos todos bons irmãos:
Com Manuel, eu que fico.

Frederico — Para encerrar esta parte,
Vou propor que toda a gente,
Por estimar esta arte,
Demonstre estar bem contente.

Gabriel — Esperem também por mim,
Que brincar eu sempre quis,
Quando o quadro chega ao fim,
Com todo o mundo feliz.

Manuel — As palmas hão de se ouvir
Mas é preciso lembrar
Que estamos co' o Wladimir,
No recesso do seu lar.

O médium se levanta e se junta aos demais.

Frederico — Não é para ir embora,
Que o trabalho continua;

Mas, quando chegar a hora,
Poremos todos na rua.

SEGUNDA PARTE

Acrescentam-se ao cenário os móveis correspondentes a uma sala de aula. Ao abrirem-se as cortinas, estão sentados Letícia (sem a fantasia de Pirlimpimpão), Clotilde, Aninha, Sebastiana, Augusto e Simão. Na posição de professor, Frederico. O local do médium está às escuras. No quadro, leem-se os versos:

(6) ESTÁ NO CORAÇÃO A FONTE DO SABER: DOMINE AS EMOÇÕES E GANHE MAIS PODER!

Frederico — Então, com vocês, o nosso neurolinguista, psicólogo e mestre em ciências do relacionamento, Professor Doutor Epaminondas.

Adentra a sala o indigitado, tão alto quanto Manuel (podendo ser o mesmo ator).

Letícia (reservada) — Outra alma que não é pequena!

Clotilde — Fique quieto, Pirlimpimpão!

Letícia — Esse aí está lembrando-lhe o seu Manuel do Val de Flores?

Aninha — Cale a boca, Pirlimpimpão!

Letícia — Vejo que...

Sebastiana — *Espírita de porco*, vamos ouvir o mestre!

Letícia — Quando ele começar, eu paro.

Simão — Ele está esperando que a gente sossegue.

Letícia — Psiu!

Augusto — Psiu!

Frederico — Psiu!

Epaminondas — Gosto do jeito da turma, que é espontânea e sabe muito bem respeitar as regras estudantis. Mas saberão entender os objetivos da neurolinguística espiritual?

Simão — Sem querer interromper...

Letícia — ...mas já interrompendo. (Não sei que gorda criatura é que ouvi dizendo isso...)

Simão — A nossa Letícia vem desempenhando o papel de palhaço, mas posso asseverar que, quando é para falar a sério, é a primeira.

Epaminondas — Tenho certeza disso. O que ela mais deseja, posso observar em sua aura, é colocar as pessoas à vontade, nem que tenha de sacrificar um pouco a própria imagem.

Augusto — É agora que ela não vai dar mais palpite algum.

Epaminondas — Por favor, Simão, com a palavra, para definir *neurolinguística espiritual*.

Simão — Antes disso, Doutor, você lê em nossas auras como se estivesse adentrando o nosso pensamento?

Epaminondas — Certamente, mas isso não deve inibi-los. Ao contrário, deve ser o ponto de toque da necessidade de contínuo aperfeiçoamento. Até pouco tempo atrás, estava eu também sentado nessas vetustas carteiras, alimentando-me do saber dos mestres. Prossiga.

Simão — Sei que a *neurolinguística humana* trata do desempenho físico em conexão com o psíquico, centrando o seu foco no objetivo da realização dos ideais de vida, com grandeza, descortino e respeito às regras socioculturais. A *neurolinguística espiritual* deve aplicar os mesmos princípios ao domínio do espírito sobre si mesmo, de forma a favorecer a concretização dos projetos evolutivos na área da aquisição dos valores evangélicos.

Ilumina-se o setor do médium. Está ele arrancando os cabelos. Escurece-se em seguida.

Aninha — Não entendi... patavina.

Epaminondas — *Patavina* é palavra muito educada. Foi nela mesma que pensou ou corrigiu para não ser agressiva aos ouvidos dos colegas e dos professores?

Simão — Posso esclarecer *patavina*?

Clotilde — Por favor...

Simão — A língua que se falava na região de Patavina era complicadíssima e ninguém compreendia. Daí a expressão *não entender patavina*, ou seja, *nada, coisa nenhuma*.

Mostra-se de novo o médium, regozijando-se.

Aninha — Isso de o espírito superior ser capaz de ler no pensamento me *põe em fria*. Mas ele percebeu muito bem que *patavina* chegou na última hora. A expressão que veio até aqui e não saiu foi...

Epaminondas — Basta que nós dois saibamos. Os outros que imaginem, segundo o seu poder de abstração e do conhecimento do nível coloquial do idioma.

Sebastiana — Para não ficar por baixo, eu também quero participar. Por que ficamos feito cachorros atrás do próprio rabo, ou melhor, da própria cauda?...

Epaminondas — A mentalidade mais prática coloca os pontos essenciais em destaque e jamais deriva para observar ao derredor dos conhecimentos. É necessário que assim seja, mas é bom estar atento para tudo o que possa servir para o acréscimo de noções, porque, uma hora ou outra, vamos necessitar de todas elas.

Augusto — É o que eu tenho dito ao meu amigo Simão, para que consagremos os temas para a nossa peça, sem ferir o direito dos demais *autores* de propor novas intuições, para que os espectadores não saiam da sala com a impressão de saberem tudo a respeito.

Epaminondas — Vocês podem utilizar-me como personagem e autor, contudo, previnam-se quanto aos aspectos científicos a serem expostos, porque as pessoas comparecem aos teatros para se distrair.

Frederico — *Ridendo castigat mores.*

Letícia — Eu traduzo!

Simão — Vamos ver.

Letícia — *Quando a gente ri, aperfeiçoa os hábitos.*

Simão — Eu não disse que ela sabe quando deve falar a sério! Eu só acrescentaria que o riso deve concentrar-se nos próprios costumes e não nos dos outros...

Clotilde — ... embora a nossa dramaturgia, ou seja, a nossa obra teatral, tenha o dever de revelar os defeitos alheios, porque os nossos são muito mais perversos.

Epaminondas — Você, Clotilde, tem o vício, o hábito, o costume de sempre chamar a atenção para os defeitos? Não precisa responder. A minha questão se dirige a todos, especialmente ao meu amigo Frederico, porque, no papel de professor, tem de estar atento para os desvios de conduta dos alunos, a fim de indicar o rumo correto.

Faz-se um período de silêncio durante o qual se acende a luz sobre o médium que adota atitude de expectativa. Apagada a luz, prossegue a cena.

Epaminondas — Agora que expliquei os termos da aula, conforme se lê nos dois alexandrinos expostos no quadro, posso retirar-me.

A turma se agita e todos querem falar. Epaminondas indica Simão.

Simão — O meu aparte é periférico. Será que todos sabem que *alexandrino* é o nome que se dá ao verso de doze sílabas, com acentos principais na sexta e na décima segunda sílabas?

Letícia — Oba! Vamos prosseguir
Através destes versinhos!
Obrigado, Wladimir,
Por indicar os caminhos...

Simão — Letícia, minha querida,
Se a versejar lhe convida
A sugestão de tal frase,
Vamos dar prioridade,
Já que o desejo lhe invade,
Que o conteúdo se case.

Clotilde — Quero dar prosseguimento,
Porque conter-me não tento,
Com as questões deste assunto.
Só vou exemplificar,
Sem sair do meu lugar:
— Que explicação? — eu pergunto.

Epaminondas — Vamos ler de novo a frase,
Que a compreensão está quase,
Tendo em vista o que se lê.
Quem vai repetir comigo
A história do castigo,
Se você ri de você?

Augusto — Falo eu, bom professor,
Mas preciso recompor,
Os versos em redondilhas:
Pois está, no coração,
A fonte da salvação,
Se do amor houver partilhas.

Aninha — Dominar as emoções
É restringir os senões,
É dar mais força ao saber,
Pois quem age com firmeza
Pratica a melhor proeza
E adquire mais poder.

Simão — Eu preciso esclarecer
(Parece ser meu dever)
Que *castigar* vem de *casto*.
Quando os costumes se apuram
As pessoas não perjuram,
E o bem se torna mais vasto.

Epaminondas — Sendo assim, eu vou-me embora
Que este quadro já demora
Põe todo o povo cansado.
Quem veio para assistir
Que pense mais no porvir;
Que aprenda co' o meu recado.

Frederico — Espere aí, Professor,
Não vá logo, por favor,
Preciso de seu empenho,
Pois tenho de esclarecer
Outro ponto do dever:
Eu também não me contenho.

Durante alguns instantes, Frederico e Epaminondas conversam telepaticamente, o que os demais vão seguindo, todos olhando a uma vez para um e para outro, alternativamente, seguindo a gesticulação. Letícia corre para um canto, à frente do palco, e põe-se a chorar. Simão se aproxima dela.

Simão — Que aconteceu, irmãzinha?
Por que é que você chora?

Letícia — Uma ideia me amesquinha:
Sou bem pobre: estou por fora!

Clotilde — Se você está chorando,
Vou perguntar até quando,
Pois percebi a exclusão.
O que falaram os dois,
Vão dizer logo depois,
Ou nunca mais o farão.

Frederico — Não fiquem tão desolados,
Que o tema está nos ditados,
Que faremos aos mortais.
Perguntei ao companheiro
Se poderia, primeiro,
Causar um *frisson* a mais.

Epaminondas — Pra facilitar, não vou recitar, mas vou explicar ser o tema delicado,
também para o nosso lado.

Frederico — Todo cuidado é pouco.

Simão — Saberá o Wladimir de que se trata?

A luz se acende sobre o médium, que estabelece contato telepático com Simão.
Novamente o grupo olha alternativamente para um e para o outro, até que se escurece o canto.

Augusto — Sobre o que vocês falaram?

Simão — Perguntei se tinha captado a conversa entre os dois e ele me respondeu que não,
mas estava muito alegre, porque ficou descansando.

Acende-se a luz novamente e o médium faz sinais de imensa satisfação. Apaga-se ela, em seguida.

Sebastiana — Vocês acham que ele nos diria se soubesse de que se trata? Pois eu acho que respeitaria os mestres, que são espíritos mais evoluídos que nós, simples alunos.

Augusto — Muito bem imaginado, querida.

Aninha — Vou chamar o Gabriel, senão vou ficar sobrando.

Gabriel — Eis-me aqui, sem estar ouvindo atrás da porta.

Trocam-se os lugares, de modo que Letícia fique ao lado de Simão; Sebastiana, de Augusto; Aninha, de Gabriel; Clotilde fica sozinha na carteira da frente.

Clotilde — Por que tantos cuidados com o tema oculto?

Frederico — É que estive a pensar se não seria conveniente pôr à mostra o pensamento de Aninha censurado por Epaminondas, aquele da *patavina*.

Simão — Agora estou entendendo o *frisson a mais* a que você fez referência. O que poderia causar frêmito ou arrepio nos amigos espectadores? Será que a expressão era tão feia assim?

Aninha — Eu pensei que fosse, tanto que corrigi a tempo. Mas eu posso falar a vocês, sem a necessidade de passar para a peça.

Epaminondas — Pois o meu empenho, solicitado pelo confrade professor, está a postos para esclarecer que as palavras perdem o impacto emocional, se não forem aplicadas no contexto em que se encaixam. Sendo assim, friamente, nós podemos analisar a expressão no quadro, porque estaremos demonstrando comedimento e não rebaixamento do nível das apreciações doutrinárias. Afinal de contas...

Clotilde — Desculpe, caro mestre, mas a sua fala está muito longa.

Simão — Também acho. Seja rapidinho!

Augusto — Agora as coisas podem complicar-se.

Sebastiana — Eu acho que você devia ficar quieto.

Gabriel — Eu estou pensando com meus botões, que nem sempre o que é rápido dá certo.

Quem tem pressa come cru. A pressa é inimiga da perfeição.

Aninha — Era melhor eu ter dado o meu exemplo, que era bem mais leve.

Frederico — E qual era?

Aninha — Em lugar de *patavina*, eu ia dizer que não tinha entendido *porcaria* nenhuma.

Todos os alunos — Oh!

Epaminondas — Não me digam que vocês se escandalizaram!

Frederico — Estão ridicularizando a sua censura.

Simão — Quero saber a opinião do Wladimir.

Acende-se a luz do canto. O médium comunica-se por telepatia. Apaga-se a luz.

Simão — O médium não está gostando nada das palavras com duplo sentido. Acha muito grosseiro e perigoso para o público, que poderá não entender. Referiu-se também ao nome que pensa que vamos dar à peça...

Epaminondas — Que nome?

Simão — *Tese de Amor*.

Epaminondas — De onde tirou ele tal ideia?

Simão — Do título que demos ao texto explicativo.

Novamente Epaminondas e Frederico conversam por gestos.

Letícia — Vou continuar chorando,
Sem perguntar até quando,
Que o palhaço aqui sou eu.
Não me venham consolar,
Com outro fato exemplar:
O problema é todo meu...

Simão — Pois eu acho que os humanos não devem se agastar com as conotações menos inteligentes. Que importância tem pensarem que a peça não presta e a chamarem de *tesinha de amor* ou, se gostarem, de *tesão de amor*?

Augusto — Você acha que vai passar pela censura?

Simão — De quem? Dos professores ou dos encarnados espíritas?

Frederico — Vou consultar os mentores da colônia.

Epaminondas — Não precisa. Recebi, intuitivamente, a informação de que a responsabilidade dos ganhos espirituais deve ser de cada qual. Quando as pessoas estão preocupadas em vetar, simplesmente, o entendimento dos fatos, mesmo um pouco verdes ou grosseiros, está manipulando o pensamento e o discernimento dos semelhantes. Clotilde!

Clotilde — Gostei da vigilância a respeito das falas muito longas. Eu completo o seu preceito. Se os textos forem sempre muitíssimo elevados, dignos dos espíritos de luz, muita gente vai ficar a ver navios. Se a gente desce até onde se encontra o povo, podemos favorecer que cresçam no conhecimento das virtudes. Frederico!

Frederico — Pedi a palavra para observar que os amigos espíritas com a função de dirigentes das instituições também se arvoram em guias da espiritualidade alheia, como se fossem responsáveis pela formação evangélica dos outros. Gabriel!

Gabriel — Eu bem que tinha razão ao dizer que a pressa é a inimiga da perfeição. Letícia!

Letícia — Já não me encontro tão triste,
Pois sei que o problema existe,
P'ra que eu possa resolver.
De qualquer modo, a ciência
Há de estar lá na consciência,
Se eu quero ter mais poder. Sebastiana!

Sebastiana — Agora eu não sei se devo metrificar ou prosear. Mas o que sei mesmo é que estamos propondo algo provisório e que cabe a quem montar a peça julgar da conveniência ou não, segundo o público a que se destina a montagem, da manutenção das expressões de duplo sentido. Augusto!

Augusto — Teremos deixado claro que a nossa brejeirice foi matreira, ou seja, que fizemos de propósito provocar os melindres dos mais suscetíveis ao pundonor moral, para que raciocinem a respeito do melhor modo de enfrentar os problemas das palavras, tanto que *tesão* é palavra que adquiriu cidadania junto à coletividade e não deve espantar mais ninguém. Simão!

Simão — Quero ultrapassar os limites da semântica, isto é, do significado das palavras e das expressões, para adentrar no próprio sentimento ou emoção. Sentir libido ou, popularmente, *tesão*, terá sido um defeito da criação, algo em que Deus não pensou e foi desenvolvido pela natureza dos homens enquanto animais? Wladimir!

Acende-se a luz do médium, que configura estar estarecido, sem saber o que responder. Volta a ficar no escuro.

Simão — Acho que exagerei em pedir as opiniões do encarnado. Aninha!

Aninha — Devo encerrar porque acho que fui culpada de não ter compreendido *patavina*.

Mas penso que já tenha entendido que é preciso ter muito cuidado com as mensagens, resguardando o interesse da doutrina em tornar sério até o que deve ser transmitido com muita alegria. Nesse caso, devemos dizer que:

Todos — Se o nosso tom de comédia,
Der mais ênfase à tragédia,
Que se esqueça este trabalho.
Mas se o povo for testado,
E a peça lhe for do agrado,
Eis um novo cabeçalho:

O grupo se agita e se embaralha. Epaminondas sai, fazendo gestos de adeus correspondidos pelos demais, enquanto Frederico coloca na lousa, sobre os versos, a seguinte frase:

(7) QUADROS DA VIDA ESTUDANTIL NO ETÉREO

Frederico — Por favor. Voltem aos seus lugares porque temos algo muito importante para tratar.

Simão — Espero que seja a respeito da crise que estou presentindo na consciência dos que têm de se responsabilizar pela montagem da peça.

Frederico — Evidentemente, precisamos, à vista da possibilidade de certos cortes, fornecer um subtítulo que, na eventualidade, substitua o nome de *Tese de Amor*. Quem comenta este apelativo?

Clotilde — Acho que, em sendo a produção do texto obra escolar, o substantivo *tese* calha perfeitamente. Com relação a ser *de amor*, no mínimo, vai tornar-nos mais simpáticos.

Letícia — *Vida estudantil no etéreo*,
Parece ser adequado:
Vai revelar o mistério
Do que passa deste lado.

Sebastiana — Parece estar resolvido
Qual o título melhor.

Gabriel — Não há de cair no olvido,
Pois até eu sei de cor...

Aninha — Proponho que este quadro descreva algumas atividades da classe, senão os espectadores vão achar que tudo se resume em gracejos e resmungos.

Frederico — Vou chamar o Manuel para nos ajudar.

Manuel — Presente!

Augusto — Queridíssimo amigo e poeta do Val de Flores, seja bem-vindo! Como você teve a experiência de transmitir a sua poesia para os encarnados, deve saber o que recomendar para o próximo empreendimento do grupo.

- Manuel — Vocês, em primeiro lugar, têm de caracterizar quem são e quantos são.
- Frederico — Bem lembrado! Se bem que o professor responsável, que sou eu, deveria ter sido consultado a respeito.
- Augusto — Sinto muito, mestre! Contudo, penso que não tenha ficado magoado comigo, visto saber o que planejei e lhe transferi mentalmente.
- Simão — Não me venham dizer que estão preparando algo de efeito.
- Clotilde — Numa peça de teatro, especialmente com a esperança de ser bem-humorada, as cenas não devem ser planas ou chatas; muito menos cansativas. Quero saber: qual é a surpresa?
- Manuel — Imagino, querida amiga, que Frederico esteja aproveitando-se do ensejo para demonstrar que os professores da *Escolinha de Evangelização* não estão afetos aos enganos, às indecisões, às falhas de caráter e de moralidade dos alunos. Quanto a Augusto, está provocando a nossa manifestação, de sorte a desvendar que os alunos são criativos e se interessam por aprender, não só os conceitos, como ainda a aplicação deles no dia a dia.
- Letícia — Quarenta são os alunos
Que se juntam nesta classe.
Não somos muito jejunos,
Embora a peça fracasse.
- Simão — É preciso explicar que, com o adjetivo *jejuno*, Pirlimpimpão nos chama de *relativamente ignorantes*. Acredito que não acrescente muita coisa à compressão de fato de sermos alunos, portanto, em fase de aprendizado.
- Frederico — Importantíssima informação, porque os espectadores tendem a esperar que, pelo fato de as pessoas terem morrido e já não sustentarem o peso da carne, estão livres para a absorção integral da sabedoria da espiritualidade.
- Sebastiana — Sendo assim, caro mestre, é preciso considerar também que eles pensam que tudo aqui é nebuloso, é escuro, é fluido, é melífluo, é vaporoso, sem textura, sem o mesmo sentido da materialidade do plano denso em que vivem.
- Frederico — Como descrever a natureza tangível da essência existencial em que estamos imersos?
- Acende-se a luz sobre o médium, que exprime espanto e insegurança. Apaga-se a luz.
- Clotilde — Se dissermos que tudo para nós, espíritos, equivale ao que se encontra na Terra, podemos deixar a ideia de que o progresso não chegou até a *Escolinha*, principalmente porque se sabe que existem as Trevas, onde os irmãos menos felizes, menos desenvolvidos, se espojam na impressão de que tudo é mais denso, porque são oprimidos, são constrangidos a sofrimentos quase insuportáveis.
- Gabriel — É verdade. Por mais atrasados que sejamos, ainda assim estamos contentes, vibrando em harmonia dentro de um grupo de seres mais ou menos venturosos.

Manuel — E quando nós não percebemos o que ocorre ao nosso derredor, sempre contamos com o auxílio de espíritos protetores, guias e guardiães, que nos alertam para a extirpação dos defeitos.

Aninha — Por outro lado, os ensinamentos de Jesus são sagrados e nos remetem às considerações obrigatórias de todos os atos e pensamentos, para acurada caracterização de nossa personalidade.

Simão — Apesar disso, não há ninguém na colônia que não seja convidado a volver ao plano da matéria, para refazer os laços de amizade rompidos pelas deficiências próprias dos seres imperfeitos que somos.

Sebastiana — E ninguém vai dizer que para cada cem dos que deixam a colônia, dez vão para esferas mais evoluídas? Agora eu já disse...

Augusto — Salvo os administradores da colônia, que são chamados a ajudar os terrenos em missões específicas para o adiantamento dos povos, segundo as necessidades mais prementes.

Letícia — Caberá dar, como exemplo,
O desperdício da vida.
Se o corpo não for um templo,
A alma estará perdida.

Clotilde — Por isso é que estamos preocupados em ajudar desde logo, apesar de não termos habilidade nem força de convencimento.

Sebastiana — Além de não sabermos sequer como é que se dá a transmissão mediúnica.

Frederico — Vocês querem aprender a partir da teoria ou preferem começar pela prática?

Simão — De quanto tempo dispomos para discutir o assunto?

Frederico — De quanto precisarem.

As alunos se juntam e imediatamente voltam a seus lugares. Acende-se a luz do médium, que permanece de braços cruzados.

Manuel — Que presteza admirável!

Frederico — Quem dará o veredicto?

Gabriel — Venceu a minha tese. Vamos nos achegar ao médium, enquanto Frederico e Manuel vão ministrando as explicações preliminares.

Frederico — Vai ser ótimo para os espectadores, porque terão oportunidade de conhecer alguns aspectos relativos ao nosso lado da mediunidade. Quem deseja ser o primeiro a se aproximar do encarnado?

Clotilde — Eu!

Frederico — Que pretende você alcançar com seu contato mediúnico?

Clotilde — Como assim?

Frederico — Você quer transmitir ou receber?

Clotilde — Está claro que eu quero transmitir.

Frederico — Então, você precisa enunciar previamente a sua mensagem.

Clotilde — Eu quero que ele sinta a minha presença.

Frederico — Com que finalidade?

Clotilde — Para se preparar para o evento mediúnico, ora, pois...

Frederico — De que tipo?

Clotilde — Como assim?

Letícia — Muito cuidado, querida,
Que as coisas não andam bem;
Se quiser ser dele ouvida,
Vai ter de escutar também.

Frederico — Você poderá efetuar transmissões para serem ouvidas, vistas, pressentidas, intuídas ou, ainda, oferecer textos por escrito. Qual vai ser o sistema da operação?

Clotilde — Quero que ele me veja e ouça.

Frederico — Como saber se ele está preparado para esse efeito?

Clotilde — Chego perto e me apresento.

Frederico — Faça isso.

Clotilde — Mas o gajo aí está preparado para escrever.

Frederico — Então, vamos progredir no tempo, até que ele desfaça o magnetismo para a psicografia, voltando a se apresentar para o trabalho.

Clotilde — Assim, nós vamos perder a oportunidade de ditar algum texto de nosso interesse.

Frederico — Caracterize o que você chamou de *nosso interesse*.

Clotilde — Eu quero que o médium escreva...

Simão — Como *escreva*? Não era para ele *ver e ouvir*?

Augusto — Acho melhor partir para a aula prática, passando aos encarnados o nosso texto dramático.

Clotilde — Acho melhor, mesmo.

Frederico — Quem vai começar?

Augusto — Eu, se me derem licença.

Frederico — Já está elaborado?

Augusto — Simão e eu rascunhamos e demos aos colegas para que corrigissem.

Frederico — E os mentores da **Escolinha de Evangelização** receberam cópia e autorizaram a transmissão?

Augusto — E precisava?

Frederico — Vocês estão utilizando-se dos serviços da colônia. Estão, portanto, falando em nome dela. Não acham que devem oferecer algo consistente, de boa qualidade, doutrinariamente perfeito, estimulante para o aperfeiçoamento das virtudes evangélicas dos amigos encarnados?

Augusto — Mas nós temos a certeza de que correspondemos às expectativas.

Frederico — Mais um motivo para submeterem o texto à censura dos responsáveis pelos trabalhos mediúnicos.

Simão — Caro mestre, deste jeito não iremos nunca aproximar-nos do médium, pelo menos, nestes próximos dois ou três dias.

Frederico — Aí é que você se engana. O texto está aprovado.

Sebastiana — Frederico, você é o máximo!

Aninha — Aposto que até a apresentação do grupo e da temática está em dia.

Gabriel — Esta é história que vi repetir-se, turma após turma. Os professores estão sempre quilômetros na frente.

Manuel — Vocês querem que eu conte como foi que ditei as minhas poesias?

Os alunos se reúnem rapidamente, confabulam e voltam a rodear o médium.

Simão — Achamos que isso iria retardar a demonstração que Frederico preparou para nós. Vamos deixar para outra hora, apesar de sabermos que se trata de algo interessante, porque se deu em ambiente hospitalar.

Manuel — Não há de faltar oportunidade.

Frederico — Aqui está a página inicial. Quem vai passar para o Wladimir?

Simão — Como fui eu quem redigiu, acho que deverei ser o emissor.

Frederico — Então, vamos pedir para o médium que represente a sua entrada no recinto em que irá trabalhar com a gente. Assim, teremos oportunidade de começar do início.

O médium se levanta, sai de cena e, em seguida, volta com ar de grande preocupação. Senta-se numa poltrona ao lado da mesa em que se encontra o computador.

Augusto — Por que a fisionomia dele está tão carregada?

Frederico — Vamos discutir a respeito. Quem dá a primeira resposta?

Simão — Penso que deseja encontrar-se com gente amiga e capacitada, para realizar sua função de modo bastante sério. O que não sei explicar é o fato de que, após anos de mediunidade, ainda se sinta como se fosse novato.

Letícia — Quem explica isso sou eu:

Sendo o dia um novo dia,
A preparação se deu,
Conforme nova harmonia.

Aninha — Quer dizer que os médiuns têm de renovar os atos de predisposição para a tarefa? Não basta ser médium e trabalhar?

Frederico — Gabriel, por favor!...

Gabriel — Os acontecimentos que envolvem as pessoas podem ser agradáveis ou desagradáveis. Os médiuns têm de ter equilíbrio para obterem concentração, caso contrário, os problemas avultam e fazem submergir as influências espirituais.

Aninha — Que tipo de bedel é você, querido?

Gabriel — Quem pergunta quer saber. Eu sou mero auxiliar do corpo docente, mas isto não significa que também não esteja matriculado na *Escolinha*. Contudo, tenho uma regalia, ou seja, a de que estou sempre entrando nesta ou naquela aula, ouvindo as mais variadas explicações.

Aninha — Como se arruma vaga de bedel?

Gabriel — A partir de agora, você vai acompanhar-me e aprender o serviço. Sei que os professores não vão colocar obstáculo nenhum.

Letícia — Do jeito que as coisas vão,

O trabalho de bedel,
Na próxima encarnação,
Vai virar lua de mel...

Frederico — Alguém quer comentar o diálogo entre Gabriel e Aninha, como também a participação de Letícia?

Clotilde — O que eles fizeram foi interromper a explicação a respeito das atividades diárias do médium e a necessidade de estar bem disposto para a reunião espírita.

Simão — Pois eu acho que deram margem a outra informação preciosa por parte de Frederico.

Frederico — Qual seja... Quem sabe?

Augusto — Parece óbvio que se desviaram da temática para oferecer motivo a que Frederico nos diga que também para os espíritos é importante que haja preparação para o ato mediúnico. Qualquer interesse alternativo deve causar sérios problemas na hora de se conjugarem as vibrações para a leitura de nossas informações.

Frederico — Todos já estiveram observando outras turmas no momento de seus ditados. O que viram vocês de notável?

Gabriel — Tudo é muito importante, portanto, todos devem trazer um conhecimento. Eu gostei de chamar o seguinte pelo nome. Sendo assim... Clotilde!

Clotilde — Sempre avistei um grupo de irmãos desencarnados reunidos em prece, enviando vibrações de compatibilidade energética entre os emissores e o médium. Estavam magnetizando o ambiente e adequando o espírito do encarnado para o recebimento das mensagens. Aninha!

Aninha — Sempre avistei o mensageiro colocar as mãos sobre a cabeça do mortal, em busca, sem dúvida, do *chakra* coronário, para atuação sobre a glândula pineal ou epífise. Sebastiana!

Sebastiana — Sempre avistei o médium recolher-se em orações, com o claro objetivo de sintonizar as ondas emanadas do plano da espiritualidade. Simão!

Simão — Sempre avistei um grupo de companheiros cercando o recinto fluidicamente, oferecendo resistência às influências externas dos irmãos interessados em perturbar a transmissão. Cristina!

Todos — Cristina? Que Cristina?

Simão — Desculpem-me. É que me lembrei que a colega de classe me contou que sempre avistou os tais espíritos menos felizes agindo sobre certos médiuns imprevidentes, perturbando os trabalhos em reuniões onde as pessoas não se preparavam com tanto zelo. Letícia!

Letícia — Sempre avistei quando o grupo
Se punha de sobreaviso,
Por temer ouvir apuro,
Ao proceder de improviso.
Era motivo de susto?
Que confirme o caro Augusto!

Augusto — Sempre avistei um clarão de cima, como uma luz benfazeja projetada por espíritos superiores, abençoando e protegendo os servidores, para que tudo se consagre ao bem, para o progresso dos irmãos. Manuel!

Manuel — Apenas para informar que, quando transmiti lá na unidade de terapia intensiva, estava assistido por equipe especializada, tendo necessitado, ainda, de vários guardiães para restringir o local em que se deu o ato mediúnico, caso contrário, o médium encontraria razões para se desconcentrar. Frederico!

Frederico — Como pude observar, aliás, como todos puderam constatar, reunindo as experiências, conseguimos descrever todos os pontos importantes do trabalho mediúnico. Passemos à parte prática. Augusto, ponha a mão sobre a cabeça do médium e conte-nos o que está ele pensando.

Augusto — Antes disso, posso dizer que estou exercendo a mediunidade pelo avesso, ou seja, do terreno para o etéreo?

Frederico — Alguém gostaria de responder por mim?

Letícia — Vou criar um bom versinho,
Para dizer o que sinto.
Se trabalho com carinho,
Mediunidade é o que pinto.

Clotilde — Não entendi.

Simão — Letícia quis dizer que, quando a gente trabalha com amor e dedicação junto aos encarnados, trazendo a mensagem deles para os que são incapazes de *entender* o que pensam, temos pintada a imagem da mediunidade.

Aninha — Se ela disse, em poucos versos, tudo isso, haja poder de interpretação...

Augusto — Eu acho que *entendi*. Letícia quis demonstrar que somente após vários anos de progresso nos estudos da mediunidade é que conseguem os espíritos saber o que se passa no íntimo dos mortais.

Sebastiana — Ainda bem que temos dois luminares do *entendimento* dos pensamentos alheios.

Letícia — Estava só a introduzir
O tema do verso meu.
Ia deixar ao porvir
A explicação que se deu.

Gabriel — A preocupação é minha
Ou a peça está cambaia?
O texto o povo adivinha
Ou a fala só se ensaia?

Augusto — Pois eu mesmo vou tentar esclarecer se, deveras, praticarei a mediunidade do ponto de vista dos espíritos. Como os encarnados não enxergam o campo imaterial em que estamos (em geral, não enxergam), nem veem os espíritos que lhes transmitem as mensagens (em geral, não veem), existe uma diferença essencial, qual seja, a de que eles apenas obtêm o resultado dos trabalhos, podendo achar que produziram tudo dentro dos seus próprios cérebros, enquanto nós observamos a atitude do paciente ao mesmo tempo que extraímos deles as informações íntimas.

Letícia — Muito obrigado, irmãozinho,
Por me ajudar no trabalho.
Tendo os versos por caminho,
Às vezes, meu ato é falho.

Frederico — Augusto, a sua exposição foi suficiente. Vamos ao que lhe pedi.

Augusto põe a mão sobre a cabeça de Wladimir e imediatamente a retira, como se tivesse levado um choque.

Augusto — Santo Deus! Este *cara* está eletrificado!

Simão — Eu também quero experimentar.

Frederico se antecipa ao gesto de Simão e o impede de colocar a mão sobre a cabeça de Wladimir.

Frederico — Vamos fazer de outro modo. Todos vocês se deem as mãos e Augusto transmite a sensação em forma de corrente.

Realizada a corrente, Augusto volta a colocar a mão sobre o topo da cabeça de Wladimir. Todos exprimem reações e exclamações de surpresa, de agrado ou desagrado, conforme as descrições que seguem. Durante a cena, Frederico permanece atrás de Gabriel em atitude de proteção.

Frederico — Podem interromper a conexão. Cada um recebeu informações diferenciadas, por causa do teor de seu peculiar campo eletromagnético. Quem quer ser o primeiro a descrever o que sentiu?

Augusto — Foi uma descarga forte, como se tivesse tocado num fio elétrico descascado.

Frederico — O que representa isso?

Augusto — Acho que a materialidade se transferiu para a espiritualidade, dado a minha natureza ainda muito próxima da natureza humana.

Frederico — É quase isso. No entanto, vamos ouvir os outros.

Simão — Achei que o médium estava desejoso de parecer acessível, tanto que estava orando uma prece, solicitando a Jesus que enviasse um ministro plenipotenciário, isto é, um mensageiro com plenos poderes de organizar a sessão de trabalhos de psicografia.

Sebastiana — Pois eu senti um repelão profundo, como se me voltasse o desejo de encarnar, como quando me preparei para voltar ao plano terreno na última vez. De repente, as necessidades espirituais pareceram exercitar poder sobre a minha vontade. Quase desmaiei.

Clotilde — Pois eu me senti muitíssimo mal, como se o corpo perispirítico que estou vestindo se transformasse em corpo denso de carne com todas as volúpias e desejos dos encarnados. Ocorreu-me que estou muito pouco evoluída, mais para regressar ao chamado mundo de provas e expiações do que para ir ao

regalado paraíso dos planos superiores. Devo dizer que fiquei aborrecida comigo mesma.

Gabriel — Não me senti bem nem mal. Mas tive a impressão de ter sido mero condutor da energia que Augusto captou e transferiu para nós. Foi como se um protetor me impedisse de conhecer-me a mim mesmo pela influência externa. Digo isso porque ouvi, numa exposição do Professor Epaminondas, que os espíritos de boa vontade não podem descair do império da fé e da esperança, especialmente quando estão empenhados em reconhecer quais os filetes de qualidades que têm de engrossar com os mananciais que jorram da sabedoria dos mestres.

Letícia — Sinto muito, mas o transe foi tão forte que perdi a inspiração para os versos. Acho que atinei com a exagerada leveza de minha participação, voltada mais para a forma do que para o conteúdo. Mas sempre os seres têm tempo para refazer os males praticados e refletirem sobre como haverá de ser promissor o futuro com Jesus a orientar-nos o procedimento.

Manuel — Pois eu tenho para mim
Que o povo merece o preto
Dum verso menos ruim,
Diferente do que ajeito.

O que senti não foi nada,
Acostumado que estou,
Pois a força foi criada
Para se dar este *show*.

Vou orar p'ra que Letícia
Volte ao trabalho com versos:
A poesia é uma delícia
Se estamos nos sons imersos.

Aninha — Ainda estou estupefata com a rudeza do golpe. Quantas vezes estive em contato com os seres na crosta e nunca recebi tal impacto. Quer dizer que esse tal de Vladimir tem poderes especiais?

Frederico — Todos já falaram. Vou proceder a um comentário geral. Prestem atenção, por favor, porque é muito importante para quem aspira a *entender* o que se passa junto a nós na hora dos transportes mediúnicos. O nosso médium não possui nenhum poder especial ou particular. Ele está imantado, energizado, magnetizado, eletrificado, seja como queiram definir o fato de ter recebido as vibrações de nosso próprio campo. Quando Augusto recebeu a emissão de sua força material, estava desprevenido para a reação de seu próprio organismo perispirítico. Foi a lição que passei sem a teoria correspondente, conforme vocês me pleitearam.

Simão — Quer dizer que poderíamos conhecer previamente o que ocorreria?

Frederico — É óbvio que sim, mas a experiência é imprescindível. Quando estiverem, com seus grupos de socorro espiritual ou evangélico, por conta própria, junto às pessoas a quem deverão dar assistência na Terra, terão de, no mínimo, saber como enfrentar os probleminhas do dia a dia. Por outro lado, a aproximação íntima do encarnado despertou alguns fatores latentes da personalidade de cada um de vocês, de modo que vão situar-se melhor perante o imperativo do regresso à vida material. Esse efeito é insuspeito dos médiuns que trabalham nas reuniões, porque julgam que apenas as elucidações doutrinárias é que importam para conduzir os espíritos ao caminho da redenção. São as recomendações fundamentadas nos preceitos das virtudes indispensáveis para o progresso de todos, contudo, têm os preceptores espirituais objetivos próprios da esfera em que atuam, de sorte que sempre incentivamos a confiança nas atividades que se realizam segundo as prescrições do *orai e vigiai* de Jesus.

Letícia — Sem ser Pirlimpimpão... Ou melhor, sendo, lembro o conselho dos velhos chineses: *Ao chegar em casa, dê umas chibatadas na sua mulher. Você não sabe o porquê; mas ela sabe muito bem...*

Clotilde — Acho melhor você voltar às quadrinhas.

Frederico — Atenção!

Soa uma campainha. Os alunos voltam para os seus lugares. Apaga-se a luz sobre o médium, que sai calmamente do palco na direção da plateia.

Frederico — Na próxima aula, espero encontrar os alunos mais adiantados no estudo do Espiritismo. Vou ver se consigo trazer o Instrutor Geral, para exposição doutrinária de melhor categoria. Até mais ver!

Retira-se Frederico. Ergue-se Clotilde, que, trazendo Manuel pela mão, vai até o proscênio.

Clotilde — Vamos planejar, querido,
Como vai ser nossa vida.
Para tanto, eu o convido
A que à rima dê guarida.

Manuel — Pois saiba que me assustei
Com a crítica à Letícia.
P'ra mim, o verso é de lei,
Para o qual tenho perícia.

Clotilde e Manuel — Caros amigos, nós vamos
Tentar a vida de novo.
Pendem frutos nestes ramos:
Saudades do nosso povo!...

Saem Clotilde e Manuel. Aproximam-se Aninha e Gabriel, de mãos dadas.

Aninha — Minha paixão não é tanta,
Que faça planos de vida.
Peço ao bedel que garanta
Que vou ficar mais sabida.

Gabriel — Não adianta postergar
A viagem para a Terra.
Vamos criar nosso lar,
Que o ciclo logo se encerra.

Aninha e Gabriel — Mas antes vem nosso estudo
Dos assuntos cá do etéreo.
Na forma e no conteúdo,
Não pode haver mais mistério.

Saem Aninha e Gabriel. Levantam-se Simão e Letícia. De mãos dadas, avançam para o proscênio.

Simão — Vou rogar à cara irmã
Que volte a ser o palhaço.
Seja alegre, seja sã,
Mande brasa neste espaço!

Letícia — Gostaria de pedir,
Antes que o escrevente durma,
Para dar ao Wladimir
Um bom nome para a turma.

Simão e Letícia — Qualquer nome serviria,
Os mortais concordarão,
Mas, por causa da poesia,
É Grupo Pirlimpimpão.

Saem Simão e Letícia. É a vez de Augusto e Sebastiana.

Sebastiana — Senti-me só figurante,
Nesta farsa que engalana.
Prometo, daqui por diante,
Melhorar, na forma humana.

Augusto — Somos todos importantes,
Criaturas do Senhor,
Melhores sempre que antes,
Na paz, na luz e no amor.

Sebastiana e Augusto — Bom Jesus, nós vos pedimos,
Que as pessoas todas vençam:
Os pais, os irmãos, os primos,
Com a vossa doce bênção!

Retorna Pirlimpimpão, puxando a fila de todas as personagens (menos o médium).

Todos — É com mui grande alegria
Que encerramos o trabalho.
Cabe ao médium, todavia,
Vir quebrar o nosso galho.

Acontece que, no fim,
É comum que o povo aplauda.
Mas, se tudo for ruim,
Deve rasgar cada lauda.

Onde está ele afinal?...
Pois saiu pela plateia!...
Foi embora?... Não faz mal:
Alguém há de ter a ideia
De escrever de modo igual,
Abelhinha na colmeia,
Chamando a gente de novo,
P'ra falar perante o povo.

Muito obrigado à presença
Da gente, que agora vai
Imaginar se compensa
Orar, pedindo ao bom Pai,
Outra peça mais extensa.
Adeus, adiós, good bye,
Recebam, no coração,
Um beijo pirlimpimpão.

Indaiatuba, de 16.05 a 03.06.97.